

Editorial

No mês de março o Grupo PET ó Geografia FAED/UEDESC, além de se dedicar as habituais atividades de pesquisa, ensino e extensão, realiza mais um processo seletivo para a seleção de um novo bolsista. Com início do ano letivo os preparativos para as atividades de extensão se intensificam, assim como a organização das palestras e mini curso previstos no planejamento. O começo de ano também deu origem a novas pesquisas que serão desenvolvidas pelos bolsistas e pela tutora nesse ano de 2012.

PetGeo FAED/UEDESC

Expediente:

Bolsistas: Ana Paula Esnidei Pereira, Carolina Datria Schulze, Jéssica Gerente, João Daniel Barbosa Martins, Laura Dias Prestes, Leonardo Lenzi Barboza, Marcela Gonçalves Werutsky, Maria Carolina Soares, Michelle Martins de Oliveira, Raphael Meira Knabben e Rudney da Silva.

Tutora: Vera Lúcia Nehls Dias.

Edição: Marcela Gonçalves Werutsky

Revisão: Grupo PET-Geografia FAED/UEDESC

Impresso pelo Grupo PET-Geografia FAED/UEDESC, em tamanho A4, fontes Arial e Times New Roman.

Sugestões, reclamações, convites, opiniões: petgeo.udesc@gmail.com

Grupo PET-Geografia FAED/UEDESC

Nessa edição:

Página

Artigo: O História e política: ressonâncias do pensamento bolivariano no chavismo.....	2
EarthView.....	22
PET-Indica	23
Eventos.....	25

ciências do pensamento bolivariano no chavismo

Raony Valdenésio A. O. Mendes*
Valdenésio Aduci Mendes**

RESUMO

Este ensaio apresenta e discute a proposta política de Hugo Chávez, pautada no fenômeno do nacionalismo, cujas primeiras manifestações ocorrem no século XIX e serviu de base para a formação das nações na modernidade e sua inserção no mundo globalizado. A análise da conjuntura política atual latino-americana possibilita observar que este fenômeno vem se manifestando novamente na região, sobretudo na Venezuela, Equador e Bolívia. Na Venezuela, o nacionalismo fomentado por Hugo Chávez Frías retoma a idéia de Unidade do Continente Latino Americano, sugerida pelo Libertador Simón Bolívar no século XIX, reinventando, dessa forma, o passado em prol do presente. Ao mesmo tempo, o nacionalismo chavista se mistura aos elementos do militarismo, do populismo e do socialismo do século XXI com o intuito de sair da crise social, política e econômica instaurada a partir da década de 1980 e das consequências das políticas neoliberais. Contudo, permanece a dúvida se o uso de tais elementos por parte do presidente Hugo Chávez Frías podem contribuir no sentido de que Venezuela possa enfrentar aqueles problemas cada vez mais complexos que estão surgindo na atualidade.

Palavras-Chave: Cultura Política; Hugo Chávez; Venezuela; Nacionalismo; Populismo e Neopopulismo.

ABSTRACT

Este trabajo presenta y discute la propuesta política de Hugo Chávez Frías, pautada en el fenómeno del nacionalismo, cuyas primeras manifestaciones ocurrieron en el siglo XIX, y que ha servido de base para la formación de las naciones en la modernidad y su inserción en el mundo globalizado. El análisis de la coyuntura política actual latinoamericana possibilita observar que este fenómeno viene manifestándose nuevamente en la región, sobretudo en Venezuela, Ecuador y Bolivia. En Venezuela, el nacionalismo impulsado por Hugo Chávez retoma la idea de la Unidad del continente latinoamericano, sugerida por Simón Bolívar en el inicio del siglo XIX. En este caso, Chávez vuelve a inventar el pasado en pro del presente. A la vez, el nacionalismo chavista mezclase a los elementos del militarismo, del populismo y del socialismo del siglo XXI con el objetivo de salir de la crisis social, política y económica que se estableció a partir de la década de 1980, y de librarse de las consecuencias de las políticas neoliberales. Con todo, queda la duda si el uso de tales elementos ideológicos utilizados por parte del presidente Hugo Chávez puede contribuir en el sentido de que Venezuela pueda enfrentar los desafíos cada vez más complejos que la aquejan actualmente.

Palabras-clave: Hugo Chávez, Venezuela, Nacionalismo, Política, Populismo, Militarismo

* Graduando do curso de História do Centro de Ciências Humanas e da Educação na Universidade do Estado de Santa Catarina ó FAED / UDESC.

** Doutor em Sociologia Política pelo programa de pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina ó PPGSP/UFSC.

As políticas neoliberais implantadas em toda América Latina nas últimas três décadas, trouxeram como resultado uma onda de profundas crises em toda a região devido ao déficit de políticas públicas; políticas estas que os Estados latino-americanos deveriam seguir promovendo, no sentido de atender a amplas camadas populares excluídas social e politicamente. Mas não o fez porque o predomínio dos ideais neoliberais requeria necessariamente o enxugamento destes mesmos Estados.

Diante desse quadro de crises, o nacionalismo voltou a ser um tipo de ósaiádaö para os problemas apresentados. Logo, o nacionalismo voltou a ser um tema de relevância no cenário político latino-americano depois da ascensão de Hugo Chávez (Venezuela), Rafael Correa (Equador) e Evo Morales (Bolívia) ao poder. Antes mesmo de adentrarmos na especificidade da política venezuelana, esboçaremos algumas notas teóricas sobre o nacionalismo, bem como sua inserção no contexto latino-americano da pós-independência.

Na Venezuela, o nacionalismo ganha contornos novos e está relacionado a outros temas não menos relevantes como o bolivarianismo, o estamento militar, o populismo e o socialismo do século XXI. Este artigo tem o objetivo de apresentar o nacionalismo na Venezuela e seus possíveis desdobramentos sob o governo de Hugo Chávez Frías, mediante a análise de discursos e de referenciais teóricos que debatem a temática no país.

Conclui-se que ao associar o nacionalismo aos elementos do bolivarianismo, do populismo, do estamento militar e do socialismo do século XXI, Hugo Chávez incorre em anacronismo, porque tais elementos contribuem muito pouco para responder aos problemas e desafios de uma sociedade complexa como a sociedade venezuelana.

NACIONALISMO

Historicamente, o nacionalismo vem sendo estudado enquanto corrente político-ideológica por pesquisadores de diversos países do mundo, entre eles: Montserrat Guibernau e Hans Kohn, que de maneira geral, argumentam que o fenômeno nacionalista e a sua disseminação em escala global é o resultado da europeização e modernização de sociedades não ocidentais e õpré-modernasö, entendendo que o século

Na perspectiva de Kohn, o processo nacionalista e a formação do estado nacional são processos históricos relativamente recentes, e que para entendermos as estruturas sociais condicionadoras das diversas nuances nacionalistas, deve-se fazer um estudo histórico comparativo. Ainda, segundo este autor, o nacionalismo é um credo político que está por trás da coesão das sociedades modernas e õlegítima sua asserção de autoridade e centraliza na nação-estado, existente ou desejada, a suprema lealdade da esmagadora maioria do povoö (Kohn, 1981: 131).

Por sua vez, Guibernau pensa que o movimento nacionalista deve ser entendido a partir de três diferenças formas: o essencialismo, a modernização e a ênfase em fatores econômicos, e por último, mas não menos importante, as teorias psicológicas que defendem a idéia de necessidade que os indivíduos têm de se envolverem numa coletividade com a qual possam identificar-se.

Segundo Guibernau, o essencialismo considera a nação uma entidade natural, eterna e vinculada à ideia de criação divina. Nesse sentido, õuma língua e cultura particulares encarnam o papel que cada nação tem a desempenhar na históriaö (Guibernau, 1997: 9). Nesta perspectiva, a nação possui um futuro e um objetivo glorioso a cumprir, buscando, desta maneira, entrar para História das grandes nações humanas (Astecas, Egípcios, Gregos e Romanos).

Segundo Bobbio, e, num sentido abrangente, o termo nacionalismo designa a ideologia nacional estreitamente vinculada ao processo de formação dos Estados modernos, na medida em que as estruturas de poder, burocráticas e centralizadas destes mesmos Estados, õpossibilitam a evolução do projeto político que visa à fusão de Estado e nação, isto é, a unificação, em seu território, de língua, cultura e tradiçõesö (Bobbio *et al*, 2002: 799).

NACIONALISMO LATINO-AMERICANO

Tal como brevemente exposto, o nacionalismo entendido como processo histórico possui desde sua õconstruçãoö um pequeno tempo de existência de aproximadamente dois séculos. Neste curto período de tempo, ocorreu o processo de independência das colônias ibéricas no Novo Mundo, acontecimento este que pode ser

do advento da modernidade na América Latina. da nação, e conseqüentemente, o surgimento do

nacionalismo neste continente, devem ser entendidos neste período de intensas lutas pela emancipação política do jugo espanhol, português, inglês e francês. (Domingues: 2007).

O advento desse novo jeito de sentir e experimentar a vida humana, denominado modernidade, ocorre num processo de *desencaixes* e *reencaixes*. O *desencaixe* ocorre porque mudou inteiramente o espaço-tempo em que a vida das pessoas se desenvolvia. Por sua vez, os *reencaixes* expressam as respostas que grupos ou pessoas procuram dar frente a estas novas situações apresentadas pela modernidade (Domingues: 2002a).

Em larga medida, o estado nacional tem sido, ao menos na Europa e nas Américas, a moldura principal desses *reencaixes*. Nas palavras de Domingues (2007), a modernidade como nova maneira de perceber-se a si levou o viver humano a um processo de complexificação da vida social, atravessada por um impulso rumo à diferenciação. O nacionalismo proveu uma contra tendência: a *desdiferenciação* da identidade coletiva mediante uma *homogeneização* da nação em construção, fazendo surgir um novo investimento psicológico. Desde o século XVIII e XIX, a idéia de cidadania surge com força atrelada à formação do estado nação, tendo em vista o fim do desenvolvimento social, no entanto, a cidadania, enquanto processo de mobilização social, não foi capaz de promover a construção dos estados nacionais modernos. Em sociedades que aspiram à homogeneidade, por meio de uma força condutora do estado, o nacionalismo tem servido como caminho e gestor capaz de formular identidades coletivas e individuais mais densas (Domingues, 2007).

O conceito de nacionalismo tem sido interpretado como conceito menos abstrato que a cidadania, pois consegue ressaltar as particularidades históricas e culturais que permitem congregar uma população específica. Nesse sentido, desde que o nacionalismo teve origem, pode ser classificado em duas vertentes: como nacionalismo de direita ou de esquerda. Na vertente de direita, o nacionalismo se impõe como forma de dominação de determinado Estado Nacional e impõe uma visão excludente, sendo interpretado como fascista e autoritário. Por outro lado, na vertente de esquerda, o nacionalismo toma uma via mais benigna, evidenciando um papel anticolonial e antiimperialista: socialista ou não.

nacionalismo de direita no subcontinente Latino-americano. A influência das ditaduras militares e regimes fortes de governo, no entanto, o nacionalismo de esquerda possuiu sua hegemonia política na região através de governos que defendem a incorporação das massas populares em suas promessas de desenvolvimento e autonomia. Seja como for, ambos os modelos de nacionalismo surgem em diversos contextos como formas de construção e construção das identidades, cujos conteúdos culturais e políticos dependem da dinâmica social concreta. (Domingues: 2007).

A análise política do contexto latino-americano nos leva a perceber que o nacionalismo surge com as oligarquias e aristocracias formadas em cada país, as quais não aceitavam a participação de amplos setores populares no movimento de emancipação do controle ibérico. Apenas países como Venezuela, México e Uruguai promoveram, de certa forma, a participação das massas populares, escravos e pessoas comuns neste movimento de independência, o que contribuiu para forjar o discurso de pertencimento a uma nação. Mas, isso não significou, na prática, que estes setores e parcelas da população tenham tido a capacidade de exercer influência depois das guerras de independência, sobre os sistemas políticos criados nestas nações.

Esse movimento de independências ocorreu nos países pertencentes ao subcontinente entre 1810 e 1825, com exceção de Cuba, cujo processo de emancipação da coroa Espanhola ocorreu somente a partir de 1898. A construção da nação cubana se expandiu até incluir as classes populares em torno dos anos 1920. Neste período, o nacionalismo exerceu seu poder de sedução, como força de cooptação tanto social quanto psicológica, implantando desta maneira uma ideologia que deveria ser seguida pelo corpo humano unido que interage com outros aspectos para construir a subjetividade coletiva da nação e que neste sentido contribuiu para a integração social de sociedades modernas e complexas e seu processo de construção identitária. (Delanty e O'Mahony, 2002 *apud* Domingues, 2007: 114).

O processo de formação das nações latino-americanas tem sido interpretado como sendo um processo complexo e contraditório. Uma vez mais, Cuba é um exemplo paradigmático neste sentido, pois os milhares de cubanos que migraram para os EE.UU são prova de que o nacionalismo de esquerda não foi capaz de criar homogeneidade ideológica em torno do processo revolucionário. Isto significa que a construção da nação é um projeto que ainda estaria por ser concluído na América Latina, assim como o projeto da modernidade.

nos diversos grupos étnicos e outros setores da social e política no subcontinente, revela que o processo de construção de identidade das nações deixou muitas brechas para serem preenchidas. A implementação das políticas neoliberais em toda a América Latina a partir da década de 1980 contribuiu de forma significativa para aflorar o sentimento de que a nação é uma colcha de retalhos. Em tempos de acentuação da globalização, de õhiper-modernidadeö (Lipovetsky, 2004) ou de õmodernidade líquida (Bauman, 2001), o nacionalismo volta à cena novamente no contexto político das Américas do Sul e Central. Porém, e tal como vimos comentando, tais renovações se apresentam, por um lado, frente ao enfraquecimento das identidades nacionais, e por outro, no desejo de acompanhar a modernidade, dessa vez, querendo acompanhar o ritmo do movimento de globalização. Numa época em que o Estado se retraiu em função das políticas neoliberais, parece que o nacionalismo vem se constituindo na única alternativa para sair das crises políticas, econômicas e sociais. Ao menos, essa tem sido a fórmula apresentada até agora por países como Bolívia, Equador e Venezuela.

O NACIONALISMO NO GOVERNO DE HUGO CHÁVEZ

Ao analisarmos o processo político atual da Venezuela, denominado por Hugo Chávez como õrevolução bolivarianaö, fica evidente que o presidente deste país faz uso de recursos retóricos para legitimar suas ações em relação à nação venezuelana. Nas palavras de Eastwood (2007: 605-607), Chávez poderia ser definido como uma espécie de õcaudilhoö latino-americano estereotipado, que procura ser a voz soberana da nação venezuelana. Em outras palavras, ele mesmo é a nação. O presidente transmite esta ideia quando afirma que ele mesmo õés el puebloö. Em tese, o ideário político Chavista está pautado e direcionado ao atendimento das necessidades e demandas dos setores populares e da classe média baixa, setores estes que ficaram excluídos do processo político e social no transcurso da democracia instaurada a partir de 1960.

Isso significa dizer, que o surgimento de Hugo Chávez no cenário político venezuelano está associado a um rol de problemas acumulados durante décadas: uma crescente pobreza e má distribuição de recursos que se aprofundou a partir da década de

à não existência de mobilidade social e pouco
ositada em vários líderes nacionalistas que não se
mantiveram fiéis a seus projetos de governos, e que muitas vezes foram acusados de
corrupção; o descrito da classe política e da imensa maioria de líderes que se formou na
democracia representativa da IV República e do Pacto de Punto Fijo^{*}; a profunda crise
que sobreveio depois da implantação dos ideários neoliberalismo e a incapacidade que
se possuía de implantar uma política econômica consistente; o descontentamento das
elites políticas que por muito tempo haviam sido marginalizadas pelo monopólio
partidário da COPEI e AD.

Pouco a pouco, Chávez vai se convertendo no messias que poderia tirar a
sociedade venezuelana desse quadro de crise instaurado na IV República. Eventos como
o fracassado golpe militar de 1992, depois as eleições para presidente de 1998, e por
fim, suas ações no transcorrer de seu governo, são alguns eventos da política
contemporânea venezuelana que confirmam o que estamos dizendo; estas são etapas
que mostram o quanto o personalismo vai tomando conta na condução de um país
polarizado política e socialmente.

Entretanto, deve-se atentar para o fato de que a política chavista está pautada em
um nacionalismo cívico-coletivista:

Sin embargo, me gustaría añadir que hay algo más, un rasgo profundamente
arraigado en las actuales reafirmaciones del nacionalismo venezolano, algo
que ha estado presente en la mayoría de las reiteraciones de ese tipo de
fechas tempranas (de hecho, no sorprende que quizá dicho rasgo sea más
visible en Bolívar mismo que en Chávez), y que por lo anterior es altamente
(aunque no exclusivamente) susceptible al autoritarismo político, aun durante
los periodos de democracia liberal. Este rasgo es un atributo del carácter
cívico y, mas importante aún, *colectivista* del nacionalismo venezolano, cuya
consecuencia es una larga tradición de identificar la concepción materializada
de la voluntad nacional con un representante, el cual asume la forma del
individuo que por sí solo habrá de solucionar los problemas del país.
(Eastwood, 2007: 608).

Na Venezuela, o nacionalismo promovido por Hugo Chávez está estreitamente
vinculado ao enaltecimento da figura de Simón Bolívar, buscando, dessa forma, fincar
raízes num passado glorioso, associado, sobretudo ao processo de independência não só
da Venezuela, mas de países como Bolívia, Equador, Peru e Colômbia. Hugo Chávez
também enaltece as riquezas naturais do petróleo, cujo potencial de reservas está

* O pacto de Punto Fijo foi um acordo entre os partidos políticos: Copei, AD e URD assinado em 31 de
outubro de 1958, pouco tempo depois do golpe contra Pérez Jiménez. O pacto em si, tinha como objetivo
principal assegurar a preservação da democracia nas eleições que ocorreriam em dezembro do mesmo
ano, objetivo este que não era muito bem visto por grande parcela dos militares venezuelanos que
participaram do golpe de estado contra Pérez Jiménez.

e países exportadores desta matéria prima. De igual
uma nação justa e defensora da liberdade pautada
nos idéias heróicos bolivarianos, onde o passado estaria repleto de acontecimentos
significativos e heróicos, e sua política externa procura a aproximação com os países
excluídos do processo de globalização.

A análise de discursos pronunciados por Chávez revela uma propensão do líder
em pensar que é a encarnação do próprio Bolívar, cuja missão na atualidade seria, em
primeiro lugar, redimir a Venezuela de suas mazelas herdadas do passado político da IV
República. E, em segundo lugar, ser um líder com vocação para reeditar o grande sonho
da Unidade latino americana, idealizada por Bolívar. Este ano, por exemplo, a
comemoração do Bicentenário da independência tem sido explorada amplamente por
Chávez como peça de seu discurso patriótico e nacionalista, o que poderá trazer
resultados fenomenais para a campanha política da presidência da República no
próximo ano. Recentemente Chávez nacionalizou a exploração do ouro e diamante na
Venezuela, fato que mexe com o imaginário popular de que Venezuela tem recursos
minerais inesgotáveis.

Portanto, o discurso nacionalista Chavista visaria atingir dois alvos de uma vez
só: internamente apela para o povo no sentido de desmerecer os inimigos do
processo revolucionário: neste caso, a classe burguesa venezuelana. Aqui o
nacionalismo se constrói apoiado na ideia de amigo/inimigo. E externamente, o
nacionalismo de Chávez procura combater o imperialismo yankee e o capitalismo,
apelando para os valores de uma nação socialista, tarefa que se complementa e se vê
fortalecida com o apoio de Evo Morales e Rafael Correa. Mas, o nacionalismo chavista
não se apóia apenas naqueles setores pobres da sociedade civil, ele também busca o
apoio junto aos militares e forças armadas da nação, resultando num nacionalismo
cívico-militar.

CHÁVEZ E O ESTAMENTO MILITAR

A sociedade venezuelana parecia estar regressando de uma das suas oscilações
do pêndulo histórico. Essas oscilações se averiguam quando se revisam os motivos dos
conflitos bélicos seculares venezuelanos em função do modelo de República que se
deseja para Venezuela. No século XIX (1859 ó 1863) foi a Guerra Federal, quando se
sofreram os estragos de uma guerra civil fratricida, pelo choque entre as ideias de uma

ública Federalö. Já no século XX foi a õGuerra a sociedade se dividia e sofria as angustias de um conflito cruel, digladiando-se entre as utopias marxista/leninista e as ideias do liberalismo (Daza, 2002: 28), época em que já se podia deslocar da Capital (Caracas) a qualquer parte do país em questão de horas ou dias.

Depois de um fracassado golpe militar no ano de 1992, Hugo Chávez Frías cumpriu pena por sua bravata e foi liberado no governo de Rafael Caldera em 1994. Seu regresso ao cenário político se dá a apartir de então, quando começa a percorrer o país em função das eleições para presidente prevista para o ano de 1998. Chávez participou da disputa e ganhou as eleições por uma ampla maioria dos votos, obtendo apoio tanto de militares como de civis. Hugo Chávez, um presidente jovem, investido dos princípios de autoridade que rodeiam os militares, prometia a ruptura com as antigas estruturas políticas e institucionais que haviam se instaurado na Venezuela desde a chegada de Cipriano Castro no poder em 1899 até a ditadura de Pérez Jiménez (1948-1958). Na ótica de Chávez, os problemas institucionais herdados se estendiam até os dias atuais, sobretudo em função do bipartidarismo predominante até o fim da década de 1980 e do neoliberalismo imperante, cujas consequências foram mal-estar para o venezuelano. A V República (agora chamada de República Bolivariana da Venezuela) tem sua matriz ideológica na ãrvore das três raízes^Ä, que mesclou idéias do século XIX de combate às oligarquias, com as ideias políticas do século XX que inspiram o socialismo do século XXI.

Sendo assim, a situação atual do ãestamento militarö venezuelano está imerso em câmbios sócio-políticos que definem as forças armadas como suporte de apoio do desenvolvimento nacional, e, que muitas vezes, substituem o déficit de funcionários públicos do Estado que deveria recrutá-los mediante concursos públicos. O golpe promovido por Hugo Chávez Frías em 1992 contou com o apoio dos militares e do tenente coronel Francisco Arias Cárdenas, procurando, dessa forma, preencher o vazio de poder do pós caracazo. Diante de um quadro de crise profunda, os setores populares e da classe média baixa não vacilaram em apoiar este movimento militar neste contexto, pois via neste grupo de militares a solução de seus problemas que se acumulavam há décadas. Mas o apoio destes setores da população aos militares tendeu a se aprofundar

^ÄQue consiste: 1) da raiz bolivariana (Simón Bolívar) e a defesa da igualdade e liberdade, e sua visão de unidade latino-americana; 2) da raiz zamorana ([Ezequiel Zamora](#)), o general do povo soberano e da unidade cívico-militar); 3) raiz robinsoniana ([Simón Rodríguez](#)), o mestre de Bolívar, sábio da educação popular.

eleitoral para presidente em 1998..

Para Daza (2002: 31), as Forças Armadas Nacionais nascem com os Estados Nacionais, os quais estão pautados em uma concepção de *jus solis*, que dá o direito aos cidadãos de viverem no território onde nasceram. Nesta perspectiva, os estados nacionais se sustentam em três componentes: ãum território, uma população e algumas instituições que garantam os direitos sociais e jurídicos de determinado povoö. Mas nem sempre ocorre assim, porque muitas vezes, os exércitos serviram para justificar e garantir a sobrevivência política de seus senhores fosse eles oligarcas, príncipes ou imperadores. Numa concepção de Estado de Direito, em tese, os exércitos e forças armadas deveriam servir às comunidades as quais pertencem. Neste sentido, segue o autor, os exércitos latinos americanos foram criados com ãa missão de manter a -Integridade do Territórioø ou a conservação de uma herança histórica territorial, na forma de um vasto território, que é um Objetivo Nacional que não está consubstanciado nos afazeres do cidadão comumö (Daza, 2002: 31). Segundo o mesmo autor, a essa missão pode-se agregar a idéia de soberania, e a este ideal está atrelada a autoridade que impõe o direito dos nacionais.

De um lado, alguns sociólogos políticos e teóricos do direito discutem que esse direito ocorre por força da lei e pelo valor moral, e por outro, os pragmáticos acreditam que sem o poder coercitivo, sem a força, a lei não se sustenta. Assim, além do dever de manter a integridade territorial e a soberania, as forças armadas de um Estado moderno e contemporâneo também se vêem obrigadas a garantirem a estabilidade das instituições democráticas fundados em princípios liberais.

E tratando-se da realidade específica da Venezuela, acrescentem-se aos aspectos anteriormente mencionados, as forças armadas devem também òcuidar e acrescentar ao acervo histórico da nação e a veneração ao Libertador Simón Bolívarö (Daza, 2002: 32). O fato de que se tenham cátedras sobre o pensamento bolivariano nas academias militares, indica o quão profunda é esta política de veneração aos libertadores, deixando raízes no seio da sociedade Venezuela.

A UTILIZAÇÃO DO PASSADO NO GOVERNO CHÁVEZ

Hugo Chávez pronunciado no final da década de
à figura de Simón Bolívar através de imagens

evocadas por poetas e literatos latinos americanos nos seguintes termos:

Se trata más bien de darle razón a Pablo Neruda, ese grande de nosotros, de los nuestros, cuando cantándole a Bolívar dijo: *“Es que despierta cada 100 años, cuando despiertan los pueblos”*. Se trata de reconocerle razón al grande de nosotros también que fue Miguel Ángel Asturias cuando dijo cantándole a Bolívar: *“Los hombres como tu Libertador no mueren Capitán, sino que cierran los ojos y se quedan velando”*; es reconocerle razón al indio Choquehuanca, Presidente del Perú, Alberto Fujimori cuando le cantó a Bolívar y le dijo: *“Tu gloria crecerá con el tiempo como crece la sombra cuando el sol declina”*. O es reconocerle razón a José Martí, Presidente de Cuba, Fidel Castro cuando dijo: *“Ahora es cuando Bolívar tiene que hacer en América todavía, porque lo que no hizo él está sin hacer todavía”*. No es entonces mera retórica nuestra bolivarianidad. Es una necesidad imperiosa para todos los venezolanos, para todos los latinoamericanos y los caribeños fundamentalmente, rebuscar atrás, rebuscar en las llaves o en las raíces de nuestra propia existencia, la fórmula para salir de este laberinto, terrible laberinto en que estamos todos, de una o de otra manera. (Chávez, 1999: 6)

A passagem é paradigmática em dois sentidos: em primeiro lugar, ao buscar as raízes do pensamento bolivariano, Hugo Chávez evoca enigmáticas expressões do cenário político da América Latina como Neruda, José Martí, Fidel Castro e Alberto Fujimori. E, em segundo lugar, o uso do pensamento de Bolívar tem a função de criar a imagem do herói da nação venezuelana, pautado em um *“heroísmo”* do povo desde sua ancestralidade. A evocação do herói e suas façanhas políticas teriam a função de fazer justiça a uma pátria que foi traída, e que, em certo sentido, seus inimigos continuam presentes na conjuntura política atual, sejam estes inimigos internos ou externos: o inimigo interno chama-se burguesia e oligarquia, ao passo que o inimigo externo está associado ao imperialismo estadunidense e ao neoliberalismo. Para Hugo Chávez, a promessa (até então não cumprida) do desenvolvimento da nação venezuelana está diretamente associada ao combate destes dois inimigos do *“povo”*. Nesse sentido, para Campbell (1997) *“o herói traz o conhecimento do segredo do triste destino do tirano. A façanha do herói é um constante abalar das cristalizações do momento, a grande figura do momento existe tão-somente para ser derrubada, cortada em pedaços e espalhada pelos quatro cantos do mundo”*.

No contexto de pós eleição 1998, e no afã de cumprir sua promessa de campanha eleitoral de instaurar um processo constituinte, Chávez dizia que tudo o que vai ocorrer debaixo do sol tem sua hora: *“Llegó la hora de la resurrección de la Pátria de Simón Bolívar! Constituyente habrá en Venezuela y nadie podrá evitarlo, porque esa es la voluntad del pueblo soberano de Venezuela”* (Chávez, 1999: 32). Nesse sentido, a

nunciados por Chávez mostra que a ligação e a
ção mediante a evocação constante da figura e
pensamento de Simón Bolívar.

Campbell (1997) ressalta que existem dois graus de iniciação heróica na mansão do pai: a primeira acredita que o filho retorna como emissário. E na segunda, o filho tem conhecimento de que ele e o pai são um só, os heróis na segunda linhagem são os redentores do mundo, as chamadas encarnações e são os únicos capazes de destruir os tiranos. De acordo com essa análise, Chávez apodera-se do passado, o idealiza e o molda em prol do presente. Para Hobsbawm, o passado é uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O presente sendo um passado social formalizado é claramente mais rígido, uma vez que fixa o padrão para o presente. Tende a ser o tribunal de apelação para disputas e incertezas do presente. (HOBSBAWM, 1998: 22 ó 23).

Ao fazermos um contraponto entre os ideais nacionalistas de Bolívar e Chávez percebe-se diferenças cujo esclarecimento se faz premente. Bolívar é um republicano, e, enquanto tal, buscou não só interpretar o contexto do domínio espanhol, mas procurou dar uma resposta concreta no sentido da emancipação. Além do que, percebia que o processo de emancipação do domínio espanhol estava estreitamente relacionado ao processo de unidade dos países em luta contra os domínios estrangeiros naquele momento. Por isso, acreditava que a Venezuela só poderia modernizar-se através de instituições que garantissem a gama de direitos cívicos que a população necessitava naquele contexto, apoiado numa tradição de separação dos poderes, iniciada por Montesquieu. Na realidade, a fundação da República venezuelana promovida por Simón Bolívar tem uma estreita relação com seu posicionamento político no sentido de contrariar os interesses externos da coroa espanhola.

Ao contrário de Bolívar, e ao mesmo tempo na tentativa de fazer justiça aos ideários de Bolívar que foram traídos depois do processo de emancipação, Chávez promove a polarização social, dividindo a sociedade entre os amigos e inimigos do processo revolucionário deflagrado por ele. Portanto, os conceitos de povo e pátria exercem um papel importante na construção do projeto político chavista e da retomada dos ideais nacionalistas, pois ou se está a favor do povo e da pátria ou se está contra o povo e a pátria. Os inimigos do povo são catalogados de acordo aos interesses que tenham na correlação de forças atual, os quais podem ser externos

capitalismo, EE.UU) e internos (burguesia e

Neste sentido, e partir das análises feitas até aqui, poderíamos dizer que o nacionalismo promovido por Chávez é um tipo de nacionalismo paradoxal, já que se reveste de um caráter altamente populista, seja em função da alta polarização promovida, seja em função da política de estado eminentemente assistencialista. Neste caso, Chávez seria visto como o òpai dos pobres. Na perspectiva de Chávez, o òpovoò seria constituído pelos camponeses, indígenas e pobres que vivem em más condições nas periferias das grandes cidades. Por isso, há que analisar o populismo de forma mais aprofundada para sabermos até que ponto se sustenta o nacionalismo apregoado por Chávez.

DO POPULISMO AO NEOPOPULISMO

A batalha do bem contra o mal é uma tônica no pensamento político de Chávez. Num dos discursos pronunciados em 1999 transparece sua visão apocalíptica da política: òaquí estamos en tiempos del apocalipsis, dice la biblia. La lucha entre el bien y el mal. No hay término medio. O estamos com Dios o estamos con el Diablo porque la voz del pueblo es la Voz de Dios (Hugo Chávez, 1999). Esta é uma perspectiva política maniqueísta que vê no òpovoò o sinônimo de òbemò, em nome do qual, todas as batalhas se justificam contra os seus òinimigosò, e mediante a qual os òlíderesò procuram estabelecer uma relação direta com as òmassasò e procuram separar o òpovoò do não òpovoò mediante uma suposta linha divisória definida. A história mostra que em nome de Deus, já se queimou muita gente viva nas fogueiras. Não poderia ocorrer o mesmo quando se diz governar em nome do òpovoò? Afinal, como ter a certeza no campo político de que a voz do òpovoò seja a voz de Deus?

A presença de líderes políticos como Hugo Chávez (Venezuela), Evo Morales (Bolívia) e Correa (Equador) vem aguçando o debate sobre a relação entre democracia e populismo na Latino-América. Alguns atribuem a este populismo do final do século XX o conceito de neopopulismo, que são tidos como populistas de terceira geração, sendo que a lista de populistas de primeira geração estaria composta por Getúlio Vargas, Perón e Cárdenas, e a segunda por Fujimori e Collor.

, o populismo é um estilo político que se reveste de
em torno a luta do povo contra a oligarquia como uma

luta moral e ética entre o bem e o mal, a redenção e a ruína. Segundo a análise do autor:

O líder é socialmente construído como o símbolo da redenção, enquanto que seus inimigos são criados como a encarnação de todos os problemas da nação. O líder diz ser um homem comum do povo que devido aos seus esforços sobre humanos se converteu em uma pessoa extraordinária. Ao invés de desenvolver uma ideologia pede a seus seguidores que confiem em sua honestidade e na sua dedicação aos interesses da pátria e do povo (De La Torre, 2007: 55)

Segundo Rosanvallon, a celebração populista da nação evoca uma tentativa de rememoração essencialista e trata de ressuscitar, sob a aparência do Uno, um sentimento de identidade de desfalecimento. A concepção de desfalecimento se funda sobre a extrema radicalização de um princípio vitalista. Faz derivar a identidade da sociedade de um duplo movimento que oculta as divisões internas e exacerba as diferenças com aquilo que lhe é exterior ou alheio. Nesse caso, o povo só ganha forma no movimento de designação de seus supostos inimigos: elites, mestiçagens suspeitas, multinacionais embarcadas em um complô contra a soberania. Nestas circunstâncias a construção da identidade é dependente de uma contínua denúncia daquilo que a estaria ameaçando. A visão populista pretende que o povo possua imediatamente uma consistência plena, que é perfeitamente transparente para si mesmo em sua essência (Rosanvallon, 2004: 197, tradução nossa). Nesse sentido, e retomando as análises de De La Torre,

O povo se transformou em um princípio de legitimidade do poder bastante ambíguo. Por um lado, os políticos têm que personificá-lo, constituí-lo, mimá-lo e entendê-lo, em função do que orquestram manifestações e comícios para demonstrar e colocar em cena a vontade popular, e em função do que, também distribuem recursos ao povo. Mas, por outro lado, a vontade popular só é pensada como um dado moral ético homogêneo que não admite divergências, contradições ou variações (De La Torre, 2006: 67, tradução nossa).

E caso surjam diferenças, divergências e contradições as quais são quase inevitáveis dentro da sociedade complexa atual, as mesmas são neutralizadas, silenciadas e tratadas como inimigas. Como se pode perceber, o populismo enquanto manifestação de possibilidade de projetos de modernização na América Latina exclui amplos setores da população tomados nesse sentido como encarnação da barbárie. Por outro lado, a categoria do povo, suporte ideológico por excelência do projeto populista, existe como um dado objetivo que estaria não somente aí presente, mas também que é uma construção discursiva (De La Torre: 76) e enquanto tal sugere o autor, há que se

Assim como as características que lhe são atribuídas, em geral, é o líder quem decide quais são os valores e as virtudes de um povo, assim como sua forma de ser, dando pouca margem e espaço para o ódio anti-povo de ressentir. Sabe-se que a democratização populista dos chamados populismos clássicos, ocorridos entre as décadas de 1930 e 1970 incorporaram uma grande parcela de pessoas à margem de qualquer participação política vigente no período. Essa incorporação deu-se via direta líder e massas. Na perspectiva de Salamanca, o populismo de primeira geração produziu várias mudanças, porém deixando de atacar o problema ao fundo, que é o de levar o pobre ao poder e liquidar a estrutura que produz a pobreza (Salamanca, 2006: 158)

O surgimento do populismo, segundo Laclau, estaria associado a uma acumulação de demandas insatisfeitas e um aparato institucional cada vez menos capaz de atender a tais demandas, o que criaria uma situação de descontentamento generalizado: uma equivalência difusa entre todas as reclamações frustradas e, finalmente, a emergência de um líder que por fora e contra o aparato institucional convoca as massas à ação política (Laclau, 2006^a: 116).

Nas palavras do autor justamente o que constitui o populismo é a presença de uma plebe que reclama ser o único povo legítimo, quer dizer, uma parcela que queira funcionar como a totalidade da comunidade (Laclau, 2005: 108).

Desde a perspectiva atual, construir o povo como ator coletivo, significa, ainda, segundo Laclau,

Apelar aos ódios baixos em uma oposição frontal como o regime existente. Isto significa que, de uma forma ou de outra, os canais institucionais existentes para a veiculação das demandas sociais perderam sua eficácia e legitimidade, e que a nova configuração hegemônica é o novo bloco histórico, para usar a expressão gramsciana é suporá um câmbio de regime e uma reestruturação do espaço público (Laclau, 2006b: 56-57, tradução nossa)

Na perspectiva de Marmol, o líder carismático oferece uma saída aparente à crise política e institucional, aproveitando-se, neste caso, de um vácuo de imagens unificadoras que traduzem vontades particulares dispersas, mas não o custo da manipulação das regras institucionais, a violação das promessas e compromissos contraídos com os votantes e dos direitos cidadãos (Marmol, 2009: 55 tradução nossa). Para Laclau o surgimento do fenômeno, requer a associação de três dimensões: equivalência entre as demandas satisfeitas, a cristalização de todas elas em torno de certos símbolos comuns e a emergência de um líder, cuja palavra encarna este processo de identidade popular (Laclau, 2006: 58). Nesse sentido a interpretação de Raby sobre

a perspectiva deste autor, é um fenômeno multi-reproduz em situações de crises hegemônicas e que se caracteriza pela liderança carismática e pelo discurso radicalmente anti-oligárquico ou anti-establishment (Raby, 2006: 59, tradução nossa).

A relação entre massas e líder é endógena ao sistema político populista, forjados por um determinado contexto sociopolítico e econômico que os circunda. Tenhamos, então, como ponto de partida, alguns atributos que definem o populismo histórico da região:

Um padrão de liderança política personalizada, paternalista e carismática; uma forma de mobilização política vertical; a existência de uma ideologia eclética e anti-establishment; uma coalizão de apoio multiclassista, baseada em setores urbanos e/ou rurais; a utilização sistemática de métodos redistributivos e clientelares como instrumentos políticos para conseguir apoio (Lodola; Kenneth, *apud* Patiño; Cardona: 170, tradução nossa)^{CE}

O neopopulismo, por sua vez, se apóia: a) nos mass-media; b) na agitação violenta; c) na retórica nacionalista; d) na confrontação com os supostos inimigos externos (contra o capitalismo, a globalização, o FMI); e) promove a desconfiança institucional, e f) deslegitima as leis e os valores institucionais em prol de um personalismo (Samaniego; Grimaldo, 2007: 71).

Uma questão que se pode levantar é porque o populismo atrai, perdura e se atualiza na América Latina? Para De La Torre (2001: 176), o populismo atrai tanto em função da contínua marginalização e exclusão socioeconômica da maioria da população, assim como pela forma específica em que estes imensos setores da população foram inseridos no campo da política. Para De La Torre, o cerne da questão estaria no fato de que a inserção na comunidade nacional se dá de forma ambígua, já que nem sempre os direitos cidadãos presentes nas constituições encontram eco na realidade e no cotidiano destes cidadãos. Em outros termos, na América Latina, a incorporação das camadas populares no campo da política tem ocorrido muito mais como povo do que como cidadãos. Isto significa, que o populismo não constitui nem uma aberração, nem um fenômeno transitório, senão que forma parte de tradições de participação política e de

CE Quanto às condições de surgimento de regimes populistas, podemos destacar as seguintes: 1) Impossibilidade da classe média assumir a liderança de uma revolução burguesa; 2) Incapacidade da classe trabalhadora para gerar organizações independentes do Estado e a falta de uma cultura de classe; 3) Fluxo massivo e acelerado de pessoas do campo para as cidades, criando bolsões de excluídos, sem representações políticas; 4) Forte dependência dos setores empresariais em relação ao Estado; 5) Nenhum grupo consegue impor seu interesse; 6) A burguesia agroexportadora e mineira ordena o monopólio do poder político para as classes sociais urbanas; 7) A chegada das massas às cidades ocasionará transformações tanto objetivas como subjetivas nas relações sociais e interpessoais; 8) Desenvolvimento incipiente da industrialização, em função do modelo de importações predominantes (Adaptado de Funes; Saint-Mezard, 2002: 333-334)

que podem ser ativadas em circunstâncias que podem (177).

Pensava-se que mais cedo ou mais tarde, o processo de modernização reinante desde o início do século XX expurgaria o populismo do cenário político latino americano, enterrando-o definitivamente no passado. Mas, ao que tudo indica, e apesar do desejo de muitos intelectuais e políticos, este é um fenômeno que continua vivo e se nega a desaparecer seja adaptando-se ao contexto de globalização e neoliberalismo, ou opondo-se a estes processos, como é o caso da Venezuela, governada pelo Tenente coronel Hugo Chávez Frías.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O longo processo de libertação nacional deflagrado em toda América Latina no século XIX, não acarretou na imediata formação de instituições republicanas. Depois do processo de emancipação colonial, a maioria dos países passou a viver a dura realidade das disputas internas pelo poder, o que conduziu a inúmeras guerras civis. A construção dos Estados na América Latina se deparava com as contradições de um projeto de modernidade, inviabilizando a construção das nações, a exemplo das nações já constituídas no resto do mundo. A partir de então, o desafio dos países independentes passou a ser, primeiramente, a defesa de direitos políticos, civis e sociais. Posteriormente o principal objetivo destes países foi o de criarem uma base industrial com capacidade de diversificar a economia e substituir o modelo de importação, e mais tarde ingressarem no contexto de economia mundial.

A ideologia nacionalista tem uma relação direta com o processo de desenvolvimento endógeno dos países latino-americanos, sendo esta uma tentativa de resistência em determinada época e contexto. Entretanto, na atualidade, percebem-se as contradições deste tipo de ideologia. Tal como esboçado, o cenário político venezuelano serve de parâmetro para analisarmos estas contradições, pois o governo de Hugo Chávez Frías retoma o nacionalismo em uma perspectiva de esquerda que congrega o pensamento político bolivariano, elementos do militarismo, do populismo e do socialismo do século XXI.

litória mistura de ideias marxistas, com posições a, no meio de uma realidade democrática, com uma estrutura capitalista e petroleira (ANTICH, 2002:70). Há que ressaltar, em primeiro lugar, o anacronismo entre as idéias que sustentam o projeto chavista na atualidade, já que recorre ao ideário bolivariano como forma de legitimar as ações do governo e de buscar respostas para os problemas do presente no passado. Bolívar foi importante em sua época, mas é limitado para compreender e resolver os problemas de uma sociedade complexa como a venezuelana dos dias atuais. Também é anacrônico pensar o nacionalismo em um contexto de globalização econômica, na medida em que a economia venezuelana depende essencialmente da produção e exportação de petróleo, possibilitando sua inserção no mercado financeiro mundial.

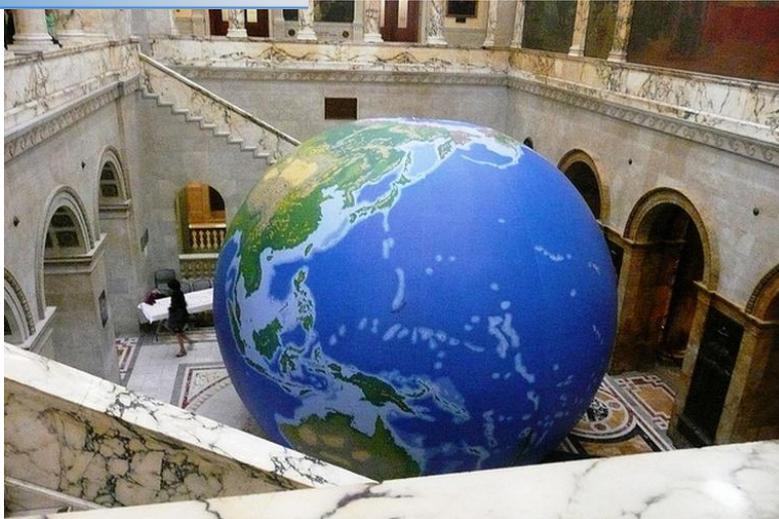
Por outro lado, os elementos do populismo também evidenciam as contradições do nacionalismo fomentado por Chávez. Segundo a análise feita acima, o nacionalismo enquanto teoria possibilitaria aos cidadãos o direito de pertencer ao território de uma nação, cujas forças armadas teriam o dever de garantir as leis de um estado de direito. Ao polarizar a sociedade venezuelana entre amigos e inimigos do povo e da nação, Chávez coloca em evidência também a contradição entre nacionalismo e populismo.

O socialismo do século XXI como projeto político venezuelano poderia ser uma saída para tais conflitos? Por enquanto não. Ao menos que Chávez retome em Bolívar a ideia fundamental de contrapesos do poder exposta no *Discurso de Angostura* em 1819: a continuidade da autoridade em um mesmo indivíduo frequentemente tem sido o fim dos governos democráticos [...] Nada é tão perigoso como deixar permanecer longo tempo em um mesmo cidadão o poder. Ou a ideia de socialismo convive com o aprofundamento da democracia em todos os sentidos, ou veremos a história se repetir como farsa.

- ANTICH, F.; **El populismo militar.** p. 71 - 86. In: *Chávez, la sociedad civil y el estamento militar.* Caracas: Alfadil Ediciones, 2002. 142 p.
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G.; VARRIALLE, C.; **Dicionário de política.** 12. Ed. Brasília, DF: Fundação Universidade de Brasília, [2004]. 2 v.
- BOLIVAR, S. **Doctrina del libertador.** Caracas: Edición Biblioteca Ayacucho, 1972. 441 p.
- CAMPBELL, J; SOBRAL, A.; **O herói de mil faces /.** 10. Ed. São Paulo: Cultrix 1997. 414p.
- CHAVÉZ, H. **ãÑO DE LA REFUNDACIÓN DE LA REPÚBLICAö.** In: *Venezuela: Ediciones de La Presidência de La República,* 1999. 580 p.
- CRESPIGNY, A.; CRONIN, J; **37 ideologias políticas.** Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981. 140p.
- DE LA TORRE, C. **Es el populismo la forma constitutiva de la democracia en América Latina?** In: *Vox Populi: populismo y democracia en Latinoamerica.* México: FLACSO, 2007.
- _____. **Redentores populistas en el neoliberalismo: nuevos e viejos populismos latinoamericanos.** In: *Revista Espanõla de Ciencia Política,* nº 4, Abril de 2001, P. 171 ó 196.
- DOMINGUES, J. **Aproximações à américa latina: desafios contemporâneos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 265 p.
- EASTWOOD, J. **Contextualizando a chavéz: El nacionalismo venezolano contemporáneo desde una perspectiva histórica.** México: *Revista Mexicana de Sociologia,* vol. 69, núm. 4. Octubre-Diciembre, 2007. P. 605 ó 639.
- GUIBERNAU, M. **Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997. 188 p.
- HOBBSAWM, E. J. **Sobre história: ensaios.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 336 p.
- JACOBO, D. **El estamento militar venezolano** p. 25-45. In: *Chávez, la sociedad civil y el estamento militar.* Caracas: Alfadil Ediciones, 2002. 142 p.
- LACLAU, E. **Consideraciones sobre el populismo latinoamericano.** In: *Cuadernos Del Cendes,* Caracas, año 23, nº 62, 2006a, P. 115 ó 120, mayo-agosto.

- _____. **La razón populista**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- MÁRMOL, E. O. **Populismo e democracia na América Latina**. In: *FRONESIS*, Zulia, vol. 16, nº. 1, 2009, P. 43-62.
- MENDES, V.A. **Democracia Participativa: os Conselhos Comunais na Venezuela**. 2011. 318 p. Tese (Doutorado em Sociologia Política). Pós-graduação em Sociologia Política. Florianópolis: UFSC.
- PATIÑO, L.; CARDONA, P. **El neopopulismo: una aproximación al caso colombiano y venezolano**. In: *Estudios Políticos*, 34, Instituto de Estudios Políticos, Universidad de Antioquia, Medellín, 2009, enero-junio, P. 163-184.
- RABY, D. **El liderazgo carismático en los movimientos populares y revolucionarios**. In: *Cuadernos del Cendes*. Caracas, año 23, nº. 62, 2006, mayo-agosto, P. 59-72.
- ROSANVALLON, P. **Las dimensiones social y nacional de la democracia: hacia un marco de comprensión ampliada**. In: *Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo: La democracia en América Latina*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2004.
- SALAMANCA, L. **¿Es el populismo la forma constitutiva de la democracia en América Latina? Reflexiones e interrogantes sobre la categoría de populismo**. In: *Cadenas, José María (Compilador y ed.). Debate sobre la democracia en América*. Caracas: Centro de Estudios de América-Vicerrectorado Académico UCV, 2006, 194 p.
- SAMANIEGO, F. R. G.; GRIMALDO, J. **Crisis de la gobernabilidad en Venezuela: el neopopulismo bajo los medios de comunicación**. In: *Argumentos*, México, DC, año 20, nº. 54, P. 53-77, mayo-agosto, 2007.

ma nova visão de mundo



O EarthView é um projeto de extensão do Departamento de Geografia na Bridgewater State University, em Bridgewater, Massachusetts. A equipe viaja com o EarthView para escolas do Sudeste de Massachusetts com uma sala de aula inflável na forma de um globo de quase 7 metros de altura. O programa foi fundado em 2008 pelos professores Dr. James Hayes-Bohanan e Dr. Vernon Domingo, do departamento de geografia da Bridgewater State University, com o objetivo de, além de ensinar os alunos sobre o mundo, enfatizar a necessidade e a importância do ensino de geografia nos ensinamentos fundamental e médio. Nos EUA os alunos normalmente não têm aulas de geografia em todos os anos da escola a partir do 7º ano.

O globo inflável de quase dois andares é ao mesmo tempo uma ferramenta educacional e uma obra de arte, seu mapa em larga escala da superfície da terra pintado delicadamente a mão. O lado de fora mostra comunidades biológicas, rios, mares, formas terrestres, continentes, ilhas, oceanos e grandes cidades.

Enquanto a parte de dentro revela as posições das bordas das placas tectônicas, além de todos os detalhes também vistos de fora. Os responsáveis pelo projeto acreditam que uma boa educação em geografia seria ajudar os cidadãos norte-americanos a compreenderem o seu papel preeminente nos assuntos políticos, militares e econômicos globais, mas nesse momento, até mesmo o conhecimento geográfico básico está faltando. Neste contexto crítico, o Departamento de Geografia na Bridgewater State University é parte de um esforço de toda a Universidade para avançar na direção de uma aprendizagem global

Mais informações: <http://www.bridgew.edu/EarthView/>



ET-Indica

(sugestão de filmes, livros, etc)

Por Marcela Gonçalves Werutsky

Geografia no Tumblr

Diferentemente dos populares Facebook e Twitter, o Tumblr é muito mais do que mais uma rede social. A interface do site facilita o gerenciamento de blogs e permite uma interação entre os usuários, que de acordo com seus diferentes interesses criam novas redes e relacionamentos. Existem blogs Tumblr focados em praticamente todas as áreas, qualquer pessoa pode acessar um blog no Tumblr digitando o endereço, uma forma de descobri-los é através do Tumblr "Spotlight" (<http://www.tumblr.com/spotlight/architecture>), onde estão selecionados alguns dos melhores blogs por assunto.

Aqui estão algumas dicas de Tumblr relacionados à geografia:



Formato: Filme

Ano: 1997

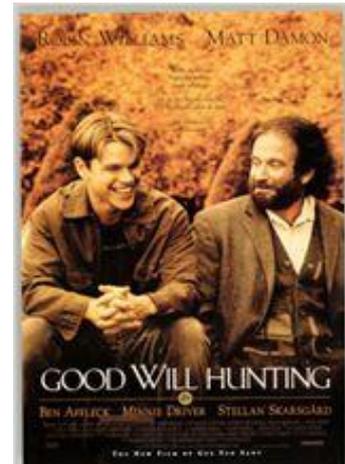
Diretor: Gus Van Sant

Roteiro: Matt Damon e Ben Affleck

Vencedor de dois Oscars: Melhor Ator Coadjuvante para Williams e Melhor Roteiro Original por Affleck e Damon.

Sinopse:

Gênio Indomável é um filme de drama dirigido por Gus Van Sant e estrelado por Matt Damon, Robin Williams, Ben Affleck, Minnie Driver e Stellan Skarsgård. Escrito por Affleck e Damon, e com Damon no papel principal, o filme segue Will Hunting, um trabalhador da zona sul de Boston com intelecto de gênio, que é forçado a ver um terapeuta (Williams) e estudar matemática avançada com um renomado professor (Skarsgård), a fim de evitar a prisão. Através de suas sessões de terapia, reavalia seu relacionamento com seu melhor amigo (Affleck) e sua namorada (Driver) enquanto enfrenta seus problemas emocionais e tomar decisões sobre seu futuro.



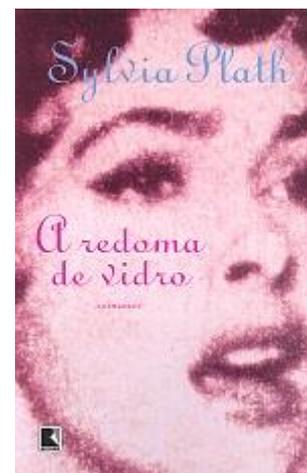
A Redoma de Vidro

Autora: Sylvia Plath

Romance

ISBN: 850105139X

A Redoma de Vidro (Título original em inglês: "The Bell Jar") é o único romance da escritora e poetisa norte-americana Sylvia Plath, o qual foi publicado originalmente sob o pseudônimo "Victoria Lucas" em 1963. Embora não seja um livro autobiográfico, pois o nome de pessoas e de lugares foram trocados, a doença mental da protagonista (Esther Greenwood) é bastante semelhante às experiências que Plath teve com o que pode ter sido um transtorno bipolar ou uma depressão clínica. A autora cometeu suicídio um mês após a primeira publicação da obra.



I Simpósio Internacional sobre Território e Promoção da Saúde

Uberlândia/MG - 7, 8 e 9 de Março de 2012

Informações: <http://isips.blogspot.com/>

Palestra: Educação Infantil: Caminhos para uma Pedagogia da Infância com a Professora Dra Eloisa Acires Candal Rocha ó UFSC

Dia 12 de março de 2012

Horário: 19h às 20h

Local: Auditório da FAED

6º Coloquio Geográfico sobre América Latina Facultad de Humanidades, Artes y Ciencias Sociales

Paraná ó 14, 15, 16 e 17 de março de 2012

Informações: infomesvicolquio@uader.edu.ar

I Coloquio Geografia, Literatura e Musica

19 e 20 de abril na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Informações: <http://coloquioufrgs.wordpress.com/>

V Seminário Estadual de Estudos Territoriais - Geterr - Grupo de Estudos Territoriais Da Unioeste

Campus Francisco Beltrão/PR ó 18 e 19 de abril de 2012

Informações: <http://www.vseet.tk/>

I Seminário Nacional de Geocologia e Planejamento Territorial e IV Seminário Geoplan

Campus de São Cristóvão da Universidade Federal de Sergipe ó 11, 12 e 13 de abril de 2012

Informações: <http://www.geoplan.net.br/index.html>

XII Colóquio Internacional de Geocrítica

Bogotá - 7, 8, 9, 10 e 11 de maio de 2012

Informações: http://www.ub.edu/geocrit/XII_ColGeoc2011_prog.htm

II Simpósio Nacional Marxismo Libertário - Lutas de Classes e Contemporaneidade

Goiânia/GO ó 09, 10 e 11/05/2012

Informações: <http://simposionpm.teoros.net/apresenta2012.html>

IX SIMGEO: Simpósio de Geografia Vale do Paranaíba - Universidade Estadual de Goiás (UEG)

5º Encontro da Rede de Estudos Rurais

Campus da Universidade Federal do Pará, em Belém ó 03, 04, 05 e 06 de junho de 2012

Informações: <http://rederural5.wordpress.com/>

VIII Seminário do Trabalho - UNESP - Trabalho, Educação e Políticas Sociais

Marília-SP - 25, 26, 27 e 28 de Junho de 2012

RIO+20

Rio de Janeiro, 20, 21 e 22 de Junho de 2012

Informações: <http://www.uncsd2012.org/rio20/>

4ª Reunião Anual da SBPC

De 22 a 27 de julho de 2012

Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís (MA)

Informações: <http://www.sbpnet.org.br/saoluis/home/>

XIII WORLD Congresso frural SociologyóIRSA

Lisboa (Portugal), 29 de julho a 04 de agosto de 2012 ó Prazo para inscrição de Grupos de Trabalho: 15/06/2011

Informações: <http://irsa2012.com/event/irsa-2012/>

XVII Encontro Nacional de Geógrafos

Em Belo Horizonte, no mês de julho de 2012

Não há informação sobre a data do evento ainda.

XXI ENGA ó Encontro Nacional de Geografia Agrária

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLANDIA

Envio de trabalhos completos de 01 de abril a 15 de junho de 2012

VII Congresso Brasileiro De Unidades De Conservação

III Simpósio Internacional De Conservação Da Natureza

Centro de Convenções de Natal, RN ó 23 a 27/09/2012